



A EDUCAÇÃO ESTÉTICA DE FRIEDRICH SCHILLER

Adriana Carolina Hipolito de Assis* ¹
*Universidade Federal de Santa Catarina (UFSCr)
e-mail: adricarolbas@gmail.com

Friedrich Schiller (1759-1805) foi eclético em sua formação. O filósofo foi escritor, dramaturgo, médico, historiador e construiu grande parte de seu percurso intelectual conciliando política e estética, razão e sentimento como forma de conquistar a liberdade. Schiller cursou, como seu pai, medicina, mas foi como historiador e como filósofo que se destacou. Em 1789, foi indicado por Goethe como professor de história na Universidade de Jena. E como filósofo influenciado por Kant, compôs grande parte de seus trabalhos, sobretudo os relacionados à educação para a estética. Foi como crítico da modernidade ou como filósofo romântico que trocou cartas com a nobreza da época: o duque Frédéric Christian. As cartas foram e ainda são usadas para refletir sua tentativa de conciliar as emoções lúdicas, geralmente reprimidas pela ética e pela ciência.

Schiller, acreditava que era preciso experienciar a arte vivenciando a liberdade. Para o filósofo, a liberdade surge somente pela experiência formativa autônoma e livre, principalmente quando essa experiência é conduzida pelo jogo lúdico e pelos sentimentos. Embora Schiller seja lido dentro de um contexto moderno, grande parte de sua crítica é, ainda, uma tentativa de repisar o ideal paidêutico da *República*, de Platão. Para Schiller, o homem deve ser formado dentro de um ideal estético capaz de integrar três aspectos: a sensibilidade, a liberdade e a ética.

¹ Doutora em Literatura e bacharel em Filosofia pela UFSC. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1016-9240>



As cartas sobre *A educação estética do homem* (2002), como veremos a seguir, tratam dessa tentativa de estabelecer equilíbrio entre a filosofia kantiana situada na ética fundamentada pelo dever moral e a racionalidade com os sentimentos e a ludicidade. Schiller, em suas cartas, compreendeu que o Estado tinha por objetivo formar cidadãos tendo como critério a utilidade técnica, jurídica e política, não visava a experiência estética como uma saudável inutilidade, cujos princípios não são racionais, mas que formam cidadãos melhores. Schiller acreditava que o homem deveria ser representado pelo Estado, mas esse deveria ser sensível à estética. Schiller argumenta que o homem pode resistir a si mesmo de duas maneiras: como um selvagem cujos sentimentos imperam sobre os princípios; e, como um bárbaro que destrói os sentimentos.

O selvagem despreza a arte e reconhece a natureza como sua soberana irrestrita; o bárbaro escarnece e desonra a natureza, mas continua sendo escravo de seu escravo por um modo frequentemente mais desprezível que o do selvagem. (SCHILLER, 2002, p. 29)

Para Schiller, os bárbaros (Estado) são denominados civilizados, eles são cegos diante da lei, da racionalidade jurídica e legislativa, pois não têm sentimentos. O selvagem, embora despreze a arte “dita civilizada”, reconhece a natureza como soberana. Schiller acreditava que “o homem cultivado faz da natureza amiga e honra sua liberdade” (SCHILLER, 2002, p. 29). O que significa que a formação para o sensível honra a razão, a lei e a liberdade. O Estado, portanto, deveria ser intérprete do belo, do sensível em sua legislação. A educação estética de Schiller tinha por princípio libertar o homem pela arte, uma vez que “a arte é filha da liberdade” (SCHILLER, 2002, p. 21). Schiller acreditava que essa máxima era fundamental para a construção e/ou formação de seres humanos melhores. A educação estética de Schiller se propõe a dar forma (*Bild*), Gestalt à formação do homem. As cartas de Schiller refletem esse desejo de construção de uma educação estética que conciliasse a razão, pautada pela filosofia kantiana, a sensibilidade lúdica.

Da filosofia kantiana retirou fundamentos da experiência estética dos juízos do gosto e da estética transcendental presentes tanto na *Crítica da faculdade de Julgar* (2024), quanto na *Crítica da razão pura* (S/N). Schiller observa que Kant não visava a uma concepção essencialmente estética em sua autonomia - aos moldes de Baumgarten -, mas, antes, à fundamentação dos juízos. Para Kant, o juízo do gosto é determinado pela faculdade imaginativa, pelo sentimento subjetivo de prazer ou de desprazer. Mesmo as sensações que



poderiam ser objetivas são também afetações dos sentidos, cada um, individualmente, ajuíza o gosto sobre a beleza, por isso todo juízo proveniente do sentimento é estético. Para Kant, não há um princípio universal sobre o belo, o que pode haver é a concepção do ideal de beleza, enquanto modelo determinado pela faculdade da imaginação. O gosto é uma simples ideia que se tem ao ajuizar algum objeto. Neste sentido, o ideal e a ideia se distinguem em Kant, a ideia estética seria uma intuição singular que representa um padrão de ajuizamento que pode ser ideal. Portanto, “o juízo do gosto imputa o assentimento” (KANT, 2024) a quem declara que algo é belo. No que se refere ao sublime em Kant, o juízo, também se estabelece pela complacência, mas o faz como um juízo de reflexão. A complacência, no sublime, é reflexiva, na medida em que o sentimento produzido em sua apresentação leva à comoção e, nela, os ânimos não são mexidos com a mesma intensidade que o belo - que nos afeta de forma positiva e lúdica -, mas como um prazer negativo intenso, grandioso. A grandeza no sublime de Kant não trata de um ajuizamento lógico, mas de sua forma subjetiva, estético-reflexiva. Kant afirma que esse ajuizamento deriva de uma aspiração ao infinito que nos desperta o sentimento de uma faculdade suprassensível. O sublime é, neste sentido, uma disposição do espírito que se ocupa de uma faculdade de juízo reflexivo. A estética em Kant só é possível quando produzida por um gênio. E o gênio, para Kant, é “o talento (dom natural) que dá a regra à arte. Gênio é a inata disposição de ânimo (*ingenium*) pela qual a natureza dá a regra à arte” (KANT, 2024, p. 205).

Schiller compreende que toda arte pressupõe regras, mas essa produção não deriva tanto do dom de um único gênio que dá às regras da arte, por isso pensava em uma genialidade e/ou criatividade a partir da produção subjetiva, sensível do homem. Para Schiller, o homem é capaz de criar livremente por meio de dois impulsos estéticos: um material, sensível à sua natureza; e, outro, formal suprassensível, racional. Esses dois impulsos movimentam a realidade material da obra de arte de forma a agirmos esteticamente com o objeto.

Schiller não se desassociou das concepções filosóficas kantianas, sobretudo as que se referem à ética, ao belo e ao sublime. O belo, em Schiller, é compreendido pelo jogo entre a faculdade da imaginação e do entendimento; já o sublime não o concebe como um jogo, mas como um desacordo entre a faculdade da imaginação e da razão. Nas cartas de Schiller observa-se o conflito entre esses dois aspectos: o elemento moral, ideal regido pelo mundo suprassensível, pelo imperativo categórico sendo ultrapassado pela experiência sensível. É



desse conflito que o sublime ganha *status* de trágico e, nele, observa-se que o homem é impulsionado pela dor moral que prevalece sobre a fruição estética na produção do trágico-sublime.

É importante salientar, ainda, que o sublime suprassensível de Schiller é relativizado em relação aos conceitos kantianos, sobretudo os que se referem ao sublime matemático, determinado por grandezas numéricas infinitas e em sua representação imaginativa, pela superioridade da razão, pela transcendência absoluta diante dos sentimentos. Schiller apropria-se do conceito da força, da potência do sublime grandioso-reflexivo, por ele denominado de patético e/ou prático, pensando muito mais nos efeitos das emoções - o temor, o pavor, o pesar -, como forças que, uma vez tensionadas levam o homem ao espanto, ao assombro diante do *pathos* trágico-sublime. Neste sentido, Schiller privilegia o conceito kantiano do sublime dinâmico que traz consigo essa força das emoções capaz de dar uma visão trágica do mundo.

As cartas de Schiller trazem, ainda, uma concepção de beleza energética que carrega em si uma selvageria, uma dureza estética que provoca tensão, pois põe a mente no plano físico e moral; já a beleza suavizante dissolve, elimina a mente desta tensão. Esses dois movimentos agem de forma simultânea e ativa no homem e constroem dois impulsos fundamentais que também se associam à razão e à ludicidade. O impulso formal, de natureza racional, domina o objeto que age em nós, nele se eleva como unidade de ideia, como um juízo moral; e, o outro, de natureza sensível, apresenta um impulso livre em sua representação lúdica e múltipla. Schiller compreende que a educação estética se dá pela conciliação desses impulsos, um de representação e outro de autoconservação. Esses dois impulsos criam uma dupla dependência da natureza que só se supera no limite da experiência lúdica.

Schiller admite, portanto, dois tipos de sublimes: um teórico e outro prático. O sublime prático pode ser compreendido como objeto da natureza como poder, isto é, na relação desse poder com nossa capacidade de resistência física e moral. Schiller estabelece, ainda, uma outra classificação para essa concepção prática do sublime: a do poder físico objetivo, que trata da nossa impotência subjetiva, física; e a que trata da nossa supremacia subjetiva moral. Já o teórico, de natureza contemplativa, estabelece as relações abstratas metafísico-ontológicas sobre o tempo e o espaço, sobre o infinito ou sobre o ser diante do assombro trágico. Schiller, sempre concebe o sublime como um objeto em sua grandeza quer



como capacidade de representação, quer como faculdade do pensamento. A formação do homem pela estética de Schiller trata dos juízos do gosto sobre o belo e o sublime que nascem com o trágico, o que significa que Schiller foi extremamente inovador ao construir a ideia de que a tragédia é uma apresentação sensível do suprassensível. Segundo Barbosa (2014), um dos aspectos centrais das cartas de Schiller - no que se refere ao destino trágico do homem - é sua reconciliação consigo mesmo - com a tragédia de cada um. Para Schiller, o que dá forma e vida ao homem é o belo e o sublime. Assim, a formação estética de Schiller possibilita compreender essa dimensão do homem que, embora trágica, é bela. A estética de Schiller não se preocupa só com a razão ou só com o lúdico, ela visa ao jogo entre o sensível e o suprassensível na expressão estética, ela visa, sobretudo, à formação de um ser humano melhor.

Referências

BARBOSA, Ricardo. Sobre o sublime teórico em Schiller e o espírito trágico do idealismo transcendental. **Revista Analytica**, v. 18, n. 2, 2014.

KANT, Immanuel. **Crítica faculdade de julgar**. 6 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2024.

KANT, Immanuel. **Crítica da razão pura**. Rio de Janeiro: Ediouro, S/D.

MACHADO, Roberto. **O nascimento do trágico de Schiller a Nietzsche**. Rio de Janeiro: Zahar, S/D.

SANTOS, Leonel Ribeiro. A concepção kantiana da experiência estética: novidades, tensões e equilíbrios. **Revista Trans/Form/Ação**, Marília, v. 33, n. 2, p. 35-76, 2010.

SCHILLER, Friedrich. **A educação estética do homem numa série de cartas**. São Paulo: Iluminuras, 2002.

SÜSSEKIND, Pedro. Considerações sobre a teoria filosófica do gênio. **Revista Viso**, n. 7, jul-dez/2009.

